

**A COMPREENSÃO DE PROFESSORAS/ES DE UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA DE PEDREIRAS, MARANHÃO SOBRE AS TEMÁTICAS *CORPO E
DIVERSIDADE***

Eixo Temático 17 – Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação

Docente

Marcos Felipe Silva Duarte ¹
Cristine Fernanda da Silva Costa ²
Jackson Ronie Sá-Silva ³

RESUMO

A diversidade de formas e expressões do corpo humano retrata-o como fruto de aspectos biológicos e culturais e que portanto, deve ser compreendido enquanto um complexo objeto de análise. As marcas históricas que alguns corpos carregam os colocam hoje à margem e a problematização dessa realidade na formação docente e no ambiente escolar é essencial para a construção de uma visão crítica nos estudantes sobre as relações de poder envolvidas na construção de seus corpos. A partir da análise de um questionário, de perspectiva qualitativa, foi possível compreender que em uma determinada escola pública docentes apresentam interesse em discutir os temas *corpo* e *diversidade* mas apontam fragilidade na fundamentação, os impedindo de desenvolver o debate, ressaltando a importância destes temas na formação inicial e continuada de professores e professoras da educação básica.

Palavras-chave: Corpo, Diversidade, Formação Docente, Escola.

¹ Mestrando do Curso de Educação da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, duartiefelipe@hotmail.com;

² Graduada pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, cristinefernandas@gmail.com;

³ Professor do Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, prof.jacksonronie.uma@gmail.com

O corpo humano não é construído apenas por uma materialidade, mas também de subjetividades que vão lhe dar qualidade e forma dentro de um contexto social e cultural, e, a partir disso ele carrega representações, simbologias, ideias e discursos que podem ser dos mais variados, concebidos em uma sociedade. O estudo do corpo e de suas relações não pode se limitar a uma linha puramente naturalista e biológica. Olhar o corpo implica também entendê-lo como um produto singular da natureza e da cultura, o corpo é resultado de construção cultural na qual se acoplam marcas de diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos. Nossos corpos contam histórias, e a partir de um contexto sociocultural eles são educados e adequados por processos minuciosos e contínuos que direcionam formas de ser, de aparência e de comportamento. Esse corpo é educado dentro e fora da escola: na religião, na mídia, na medicina, em todos os espaços de socialização cotidianos, com recomendações de vestiário, alimentação, práticas sexuais, saúde, beleza, qualidade de vida (GOELLNER, 2010).

O corpo apresenta uma história de disciplinamento que foi acompanhada pelo disciplinamento das mentes, onde se buscou sempre construir, modelar, corrigir os corpos femininos e masculinos, e dentro desse controle a saúde entra com intuito de higienizar, adequar e assim dignificar o sujeito. São criadas socialmente “marcas” que configuram tais características e comportamentos tidos como negativos socialmente, e que devem ser problematizados para que se possa compreender a origem dessa rotulação e assim conseguirmos alternativas para minimizar o preconceito (LOURO, 2000).

Ao trabalhar os saberes necessários à prática docente, Freire (2004, p. 17) afirma que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer tipo de discriminação. Porém, a formação pode ser frágil neste sentido. Uma formação inicial bem estruturada baseada na teoria atrelada a construção de saberes práticos permite ao professor ir ao campo de trabalho mais preparado, não esquecendo, entretanto, da formação permanente para atualização do conhecimento científico (IMBERNÓN, 2019).

A investigação aqui apresentada parte, portanto, dos seguintes questionamentos: Os docentes estão preparados para trabalhar as temáticas de corpo e gênero na educação? Os docentes querem trabalhar tais temas? Estes profissionais conseguem identificar tais discussões no cotidiano escolar? Objetivando, portanto, identificar qual a compreensão de docentes de uma escola da rede pública de ensino acerca das temáticas *corpos* e

diversidade e incentivar estes profissionais a abordarem tais assuntos em sala de aula sem receio, visando uma comunicação cada vez mais aberta com alunos, tratando do corpo e da diversidade não somente por seus aspectos biológicos mas também socioculturais.

A pesquisa é do tipo qualitativa onde fiz uso da metodologia de aplicação de questionários e percebi um interesse dos docentes para com os temas corpos e *diversidade*, porém, certo receio pela falta de fundamentação, que pode ser fruto da fraca formação inicial e permanente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para atingir os nossos objetivos da pesquisa bem como conhecer os sujeitos da pesquisa decidimos utilizar um questionário qualitativo que segundo Goldenberg (2004) apresenta as vantagens de ser menos dispendioso, poder ser aplicado a um grande número de pessoas ao mesmo tempo. O questionário conta, portanto, com treze perguntas fechadas, sendo onze obrigatórias e duas facultativas pois estas últimas dependem da resposta de perguntas anteriores. As perguntas foram pensadas com a intenção de identificar qual a compreensão dos docentes acerca das temáticas de corpos e diversidade, portanto, optamos por questionar sobre um possível contato com tais temas na sua formação inicial e/ou continuada, sobre a observação de problemáticas no cotidiano escolar, nos discursos dos estudantes e dos materiais didáticos, sobre termos e conceitos, e sobre como o/a docente se sente em relação a tais temas. O questionário foi construído na plataforma Google Forms. Entramos em contato com a diretora de uma escola pública municipal, apresentamos o projeto, e após autorização, disponibilizamos o link do questionário para que o mesmo fosse preenchido por todo o meu público-alvo: professores e professoras daquela escola. Após o preenchimento, partimos para a etapa de análise das respostas, construção das categorias de análise e posterior problematização e discussão dos resultados que são apresentados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao construir o questionário buscamos englobar pontos que nos dessem uma visão ampla do contato deste docente com a temática, portanto, definimos questões que

tratavam da formação inicial, do cotidiano escolar, de conceitos, subjetividades do docente e formação permanente.

Sobre a formação inicial questionamos “Você teve durante a graduação alguma orientação sobre como trabalhar as temáticas de corpos e diversidade de gênero e sexualidade na escola?” e 70% destes afirmaram que não. Em seguida questionamos “Se sim, essas temáticas foram abordadas em que dimensões?” dando as seguintes opções: somente pela dimensão biológica dos corpos (reprodução, fisiologia, anatomia etc); somente pela dimensão cultural e social dos corpos (relações de gênero, diversidade sexual e afetiva etc); ambas”, e os 30% que afirmaram ter tido algum tipo de orientação, nos revelaram aqui que esta orientação em sua maioria foi dentro da dimensão cultural dos corpos (66,7%), enquanto 33,3% afirmaram que tiveram orientações em ambas as dimensões.

Aqui percebemos que a grande maioria não teve nenhum tipo de orientação, o que nos leva a pensar que estes temas historicamente não são vistos enquanto temas necessários e importantes de serem trabalhados na escola. Esta lacuna na formação inicial docente contribui para que o próprio não enxergue tais temas como parte do aprendizado escolar, e em alguns casos contribui até mesmo para a ideia de que os aspectos socioculturais do corpo são temas que se encontram apenas fora da escola. Percebemos, no entanto, que quando houve a orientação na graduação, esta abordou tais aspectos, o que se mostra interessante no preparo de profissionais que futuramente estarão na sala de aula e irão se deparar com corpos, gêneros e sexualidades diversas.

Partindo para os questionamentos relacionados ao cotidiano escolar, perguntamos “Você percebe as discussões sobre corpo e diversidade presentes na escola por meio dos alunos e alunas?” e a maior parte dos docentes (70%) respondeu que sim, nos mostrando que, por mais que estes sejam temas que não se faziam, ou não se fazem presentes na formação inicial, são discussões que fazem parte do dia a dia escolar daquela instituição, e que os professores e professoras estão conscientes de que o assunto está sendo comentado, de que os estudantes apresentam discursos, dúvidas, pontos de vista, opiniões. Seguindo neste sentido continuamos: “Você já presenciou alguma situação de bullying (discussão, ofensa, agressão, exclusão) relacionada a questões de diversidade de gênero e sexualidade na escola?”, e novamente, a maior parte dos pesquisados respondeu que sim (80%). Aqui temos uma percentagem ainda maior que na última, o que nos fez pensar que ainda há uma certa confusão no processo de

compreensão e observação dos discursos relacionados a diversidade na escola, visto que uma situação de bullying derivada de preconceitos em relação a corpo, gênero e sexualidade também se configura enquanto uma discussão no meio escolar. Situações de violência são discursos de alerta, escancaram a necessidade de se debater, de se buscar soluções que amenizem tais eventos.

Ainda percebendo o cotidiano docente levantamos o questionamento “Nos materiais didáticos (livros didáticos, paradidáticos, apostilas, etc) você observa discussões e/ou representações sobre corpos e diversidade de gênero e sexualidade (direitos LGBTQIA+, estudos feministas, discursos contrários ao feminicídio, homofobia, transfobia, etc)?” dando aos pesquisados as seguintes opções de resposta: sim, em todos; sim, em alguns; não observo. Percebemos então que existem fragilidades nos materiais didáticos aos quais tais docentes têm acesso pois a maior parte (60%) respondeu que observava somente em alguns materiais e os demais informaram que não observavam (40%). A medida que na formação inicial se tem pouca ou nenhuma orientação acerca de como trabalhar estes temas, e nos materiais didáticos, que muitas vezes são utilizados como guias por estes profissionais, não é encontrada nenhuma ou quase nenhuma discussão a respeito, o tema vai se apagando, os profissionais da educação não se sentirão na obrigação de abordar estas discussões e os estudantes não se sentirão representados. Os materiais didáticos, em especial o livro didático, é apontado por Imbernón *et al* (2019) como um artefato sem contexto, e o autor alerta que o bom docente não deve se ater somente ao livro, buscando sempre ler muito para se ter outras alternativas que possam o auxiliar ao contextualizar aquilo que se encontra no livro, para que o mundo ensinado na escola não seja totalmente diferente do mundo real, que o aluno vive ao passar do portão da escola.

Avançando no questionário buscamos identificar também quais conceitos eram familiares aos docentes. A primeira destas questões foi “Você sabe diferenciar ‘Sexo’ de ‘Gênero’?”, onde 80% afirmou que sim, e 20% que não tinha certeza. Já sobre a pergunta “Você sabe diferenciar termos como ‘orientação sexual’ e ‘identidade de gênero’?”, 70% disseram que sim, 20% afirmaram não ter certeza e 10% afirmaram não saber diferenciar. Quanto ao questionamento “Você sabe o que os termos ‘homofobia’, ‘transfobia’ e ‘bifobia’ significam?”, 50% afirmaram conhecer alguns deles, 30% disseram que conhecem todos e 20% não tinham certeza.

Percebemos que diante dos três questionamentos tivemos a maior parte dos docentes informando ter algum conhecimento acerca destes conceitos. Nos últimos anos tivemos algumas discussões envolvendo tais conceitos sendo feitas em meios de comunicação como a tv, a rádio, e principalmente a internet, o que de alguma forma acaba por familiarizar as pessoas com os termos, o que não garante a real compreensão do que estes significam e/ou representam. Compreender e saber diferenciar estes conceitos são habilidades importantes para que a discussão sobre diversidade seja feita de forma mais consciente e de fato possa vir a desenvolver um olhar crítico e ético nos alunos e alunas quanto as problemáticas envolvidas.

Partindo agora para uma análise mais subjetiva do docente fizemos os seguintes questionamentos “Você se sente apta(o) e/ou confortável a levar estas discussões para a sala de aula?”, “Caso não, qual o possível motivo?”. Aqui 60% dos pesquisados alegaram não se sentirem aptos e/ou confortáveis, onde todos esses afirmaram que o motivo seria não se sentirem preparados teoricamente. Essas respostas nos fazem pensar novamente acerca da formação inicial destes professores e professoras, que não os preparou para lidar com a diversidade no ambiente de trabalho, mas também nos leva a pensar acerca da autonomia docente tão importante no processo de formação permanente, bem como no que é oferecido de qualificação para estes profissionais pelo governo e pela escola, e dessa forma seguimos nas próximas questões.

“A escola e/ou município em que você atua já promoveu algum tipo de formação voltada a estas temáticas e sua abordagem na educação?”, a maior parte dos docentes afirmou que não (60%), e os demais ficaram divididos entre “sim” e “não tenho certeza” (20% cada). Acerca do questionamento “Você já participou de algum curso, formação e/ou evento que tinha como tema o corpo e a diversidade na educação?”, tivemos uma grande maioria que afirmou não ter participado (80%) em relação a 20% que informou ter participado. Na última pergunta do questionário indagamos “Se fosse promovido um curso, formação e/ou evento gratuito deste tipo, teria interesse em participar?”, e apenas 10% respondeu “talvez” contra 90% dos entrevistados que afirmou ter interesse em participar. Através destas últimas questões percebemos que a formação continuada falha em um de seus objetivos que é manter o professor atualizado e preparado para lidar com questões atuais, com problemáticas que em sua época de formação inicial não eram (e que em muitos casos ainda não são)

abordados. Me volto aqui novamente a Imbernón *et al* (2019) que fala da importância desta autonomia, para que o professor não se torne um sujeito apenas reprodutor, um profissional que espera de outros sobre o que deve ou não fazer.

Compreendemos que esta autonomia também apresenta suas limitações, a prática docente é árdua e a realidade nacional muitas vezes não permite com que façamos muito além do que a escola programa. Entretanto, sem resistência não há mudança, não há revolução, e a educação é desde sempre política, portanto, é da essência do professor a atualização científica e a busca por melhores formas de contribuir para a formação cidadã de seus alunos. A gestão escolar pode contribuir para tal atualização ao colocar nas pautas das formações continuadas discussões que envolvem as questões de corpo e diversidade, bem como cobrar dos governos municipais capacitações, promoções de eventos e o apoio a projetos que pautem a educação para a diversidade que tenham foco no preparo dos profissionais docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das respostas encontradas e discutidas foi possível observar que nessa escola os temas de corpo e diversidade, que muitas vezes são evitados no campo educacional, parecem ser compreendidos como importantes, presentes no cotidiano e possíveis de serem discutidos, porém, encontra-se a barreira da frágil fundamentação. Essas pautas precisam estar na formação inicial e permanente promovida pelas universidades e governos para que possamos dar importantes passos no combate a violência baseada no gênero e na sexualidade que infelizmente são parte do dia a dia brasileiro. A formação dos docentes, portanto, é essencial para que possam mediar debates, promoverem dinâmicas e idealizarem projetos que objetivem a compreensão da temática por parte dos alunos assim como uma formação cidadã.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: **Paz e Terra**, 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade*. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.



GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8º ed. - Rio de Janeiro: **Record**, 2004.

IMBERNÓN, Francisco; NETO, Alexandre Shigunov; FORTUNATO, Ivan (org.). Formação permanente de professores: experiências iberoamericanas. São Paulo: **Edições Hipótese**, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Escola e Identidade**. In: Educação e Realidade, 2000.